

Em Um Homem Célebre, Machado de Assis nos conta a história de Pestana, um famoso compositor de polcas que vivia extremamente frustrado por não conseguir compor música clássica: “A fama do Pestana dera-lhe definitivamente o primeiro lugar entre os compositores de polcas; mas o primeiro lugar da aldeia não contentava a este César, que continuava a preferir-lhe, não o segundo, mas o centésimo em Roma.” A despeito de sua vontade, porém, as pessoas o reconheciam e admiravam. Ao invés de, recebendo os elogios, sentir-se grato, Pestana sentia-se “vexado, aborrecido”; quando o reconheciam nas ruas, “desesperado, corria a meter-se em casa.”; quando pediam para que tocasse alguma polca, o fazia “sem entusiasmo.”

Apesar de ser um compositor de polcas reconhecido e admirado por todos, Pestana perseguia um ideal inatingível. Não conseguia integrar o externo e o interno e, por isso, como afirma Everson Pereira da Silva, “sua fama e prestígio não lhe garantem uma vida feliz, pois seu ideal de perfeição é ser um autor consagrado num gênero musical considerado nobre.” Pestana pensava que apenas os grandes nomes da música clássica se imortalizavam, sem compreender que o que nos eterniza são as coisas que fazemos no mundo e com amor.

Tentando realizar seu sonho, passava noites em claro aguardando a chegada da inspiração: “Entre meia-noite e uma hora, Pestana pouco mais fez que estar à janela e olhar para as estrelas, entrar e olhar para os retratos. De quando em quando ia ao piano, e, de pé, dava uns golpes soltos no teclado, como se procurasse algum pensamento; mas o pensamento não aparecia e ele voltava a encostar-se à janela. As estrelas pareciam-lhe outras tantas notas musicais fixadas no céu à espera de alguém que as fosse descolar; tempo viria em que o céu tinha de ficar vazio, mas então a terra seria uma constelação de partituras. (...) A moça dormia ao som da polca, ouvida de cor, enquanto o autor desta não cuidava nem da polca nem da moça, mas das velhas obras clássicas, interrogando o céu e a noite, rogando aos anjos, em último caso ao diabo. Por que não faria ele uma só que fosse daquelas páginas imortais?” Pestana pedia às estrelas, ao céu, aos anjos e ao diabo, mas não conseguia criar as tão almejadas partituras.

No dia seguinte, sem que esperasse ou mesmo desejasse, a verdadeira inspiração tomou conta de Pestana: sentou-se ao piano e as notas começaram a sair naturalmente de seus dedos. Estava compondo, mas não um clássico, mas sim uma alegre e “buliçosa” polca. Naquele momento sentiu a vida e a alma crescerem: “Começou a tocar alguma coisa própria, uma inspiração real e pronta, uma polca, uma polca buliçosa, como dizem os anúncios. Nenhuma repulsa da parte do compositor; os dedos iam arrancando as notas, ligando-as, meneando-as; dir-se-ia que a musa compunha e bailava a um tempo. Pestana esquecera as discípulas, esquecera o preto, que o esperava com a bengala e o guarda-chuva, esquecera até os retratos que pendiam gravemente da parede. Compunha só, teclando ou escrevendo, sem os vãos esforços da véspera, sem exasperação, sem nada pedir ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tédio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perene.” Para compor polcas, a inspiração surgia naturalmente, sem que fizesse nenhum esforço, sem que tivesse que pedir às estrelas, como costumava, em vão, fazer para compor música clássica. Sentia a alegria divina, a vida e a graça que surgem quando fazemos algo por inteiro, mas não conseguia integrar e levar esta sensação adiante.

Acreditando que sua falta de criatividade e inspiração para compor música clássica era decorrente do celibato, Pestana decide se casar com Maria: “Recebeu-a como a esposa espiritual do seu gênio. O celibato era, sem dúvida, a causa da esterilidade e do transvio, dizia ele consigo”. Maria era uma jovem viúva e estava com tuberculose, uma doença bacteriana transmitida pela saliva. Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, doença, como diz o escrivão, era, na verdade um grande prêmio: “Ouvi dizer que ele se enamorou dela, porque a ouviu cantar na última festa de S. Francisco de Paula. Mas ouvi também que ela possui outra prenda, que não é rara, mas vale menos: está tísica” Tamanha frustração fazia com que Pestana, inconscientemente, quisesse morrer. Só a morte poderia livrá-lo daquela angústia que havia se tornado a sua vida em decorrência da falta de integração entre a ambição e a vocação.

O desejo consciente pela morte viria pouco tempo depois. Certo dia, Pestana acredita finalmente ter conseguido compor uma peça e chama a mulher para que escute sua nova obra. Tão logo começa a tocar, Maria reconhece na melodia uma famosa música de Chopin, célebre compositor erudito. Despedaçado e totalmente frustrado, Pestana sai de casa e, caminhando pelas ruas, deseja a morte: “E ele ia andando, alucinado, mortificado, eterna peteca entre a ambição e a vocação... Passou o velho matadouro; ao chegar à porteira da estrada de ferro, teve idéia de ir pelo trilho acima e esperar o primeiro trem que viesse e o esmagasse. O guarda fê-lo recuar.”

Após a morte de sua esposa, Pestana promete para si mesmo que abandonará a arte “assassina e surda” após compor um Requiem para homenageá-la no aniversário de um ano de seu falecimento. Dois anos se passam sem que tenha conseguido e como estava endividado aceita a proposta do editor que lhe oferece dinheiro para que componha novas polcas. Assim foi levando a vida, frustrado, até sua morte: “sempre que havia alguma boa ópera ou concerto de artista ia, metia-se a um canto, gozando aquela porção de cousas que nunca lhe haviam de brotar do cérebro. (...) Tinha ainda as alternativas de outro tempo, acerca de suas composições a diferença é que eram menos violentas. Nem entusiasmo nas primeiras horas, nem horror depois da primeira semana; algum prazer e certo fastio.”

Neste conto vemos um conflito entre ambição e vocação. Pestana tinha talento para compor polcas, mas queria compor música clássica. Às vezes, queremos muito fazer uma coisa para a qual não temos nenhuma habilidade, mas, por outro lado, de nosso ser emergem outros talentos que precisam ser reconhecidos. Pestana não aceitava suas limitações e não valorizava seus talentos e habilidades. A opção por uma, não precisa excluir a outra. Ao contrário, é possível equilibrar vocação e ambição e viver em harmonia consigo mesmo. A este respeito, Pereira da Silva diz que “a diferença entre o ‘ser’ e o ‘querer ser’ leva Pestana a vivenciar situações de desequilíbrio, pois, para continuar tendo o respeito e a admiração de todos, é constantemente forçado a aniquilar seu verdadeiro eu, seu ideal de perfeição. Cria-se, então, um abismo entre o real e o ideal – intransponível para o personagem.” (p. 71) Sem nunca realizar seu ideal e tampouco aceitar sua condição de compositor de sucesso, vive uma vida sem entusiasmo: “expirou na madrugada seguinte, às quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo.”